

---

## **A leitura e a escrita num quotidiano profissional: O projecto *Literacia(s) em Contexto de Trabalho. Investigação e Educação/Formação***

*Paula Guimarães, Amélia Vitória Sancho e Raquel Oliveira<sup>1</sup>*

### **1. Génese do projecto e principais desenvolvimentos**

O projecto “Literacia(s) em Contexto de Trabalho. Investigação e Educação/Formação” surgiu na sequência do contacto efectuado por elementos do departamento de formação de uma multinacional do ramo da electrónica, sediada no concelho de Braga, à Unidade de Educação de Adultos da Universidade do Minho, tendo sido solicitado um estudo que permitisse conhecer a situação literária dos seus trabalhadores. Neste sentido, realizaram-se diversas reuniões que se constituíram num trabalho cauteloso e muito reflectido, com os objectivos de, por um lado, perceber o problema apresentado pelos representantes da Fábrica e, por outro, construir um projecto de investigação que combinasse duas vertentes – a pesquisa, tendo em vista conhecer e compreender a situação literária dos trabalhadores da empresa em causa; e a educação/formação de modo a identificar e desenhar propostas que permitissem a alteração da situação diagnosticada (cf. Unidade de Educação de Adultos, 2003:4).

Ao longo destas reuniões foi sendo desenhado um plano de projecto de investigação e educação/formação que contemplou dimensões políticas, bem como a implementação faseada e regular de diferentes acções. Houve necessidade de negociação de diversas versões do referido plano, tendo a última sido aprovada pela Administração da Fábrica e pela Comissão de Trabalhadores. Este documento continha a definição dos objectivos e a estrutura do projecto, a constituição da equipa de investigadores, as fases da investigação, os princípios de acção, a previsão dos encargos, a indicação dos documentos a redigir e o cronograma, tendo este projecto sido iniciado no final de 2002 e prevendo-se a sua conclusão em Abril de 2004. Neste processo de negociação procurou-se desenhar uma pesquisa com significado para as duas instituições envolvidas, bem como implicar a Administração da empresa e a Comissão de Trabalhadores em todas as fases do projecto (cf. Unidade de Educação de Adultos, 2003:5).

Assente numa organização complexa, esta pesquisa envolve três equipas de trabalho, num total de onze pessoas, e tem como objectivos caracterizar a empresa e os seus diferentes subcontextos em função das condições e práticas de literacia que suscitam, exigem ou promovem; conhecer as práticas e atitudes de literacia dos trabalhadores na empresa e nos contextos extralaborais; identificar articulações/desarticulações entre as condições e as práticas de literacia dos diferentes contextos e as práticas e atitudes de literacia dos trabalhadores; e formar os trabalhadores para o reconhecimento e uso de competências de literacia relevantes no contexto laboral (cf. Unidade de Educação de Adultos, 2003:4-6).

### **2. Emergência de um conceito**

Apesar da singularidade do pedido efectuado por esta multinacional, este projecto é de algum modo o reflexo das preocupações que muitas organizações públicas e privadas, diversos responsáveis políticos e educadores, entre outros, têm manifestado em muitos países com os níveis de literacia da população. Aliás, foi no decorrer da década de 90 do século XX que, em Portugal, se assistiu à generalização do uso deste termo, nomeadamente com a divulgação dos resultados do Estudo Nacional de Literacia (Benavente *et al.*, 1996). À data da realização da referida pesquisa estava instalada a crença, não só no nosso país como um pouco por todo o mundo, de que a escolarização de massas conduziria à erradicação progressiva do analfabetismo e com ela, como afirmaram Ana Benavente *et al.* (1996:3), “*difundiuiu-se a ideia de que os*

---

<sup>1</sup> (Universidade do Minho, Unidade de Educação de Adultos)

*problemas do analfabetismo tinham passado a ser problemas do chamado terceiro mundo*". No entanto, a complexidade da sociedade moderna e a constante evolução tecnológica que lhe é característica, colocaram novos problemas e desafios à educação, até porque se começou a verificar *"que, apesar do aumento das taxas e dos anos de escolarização, [a população evidenciava] incapacidades de domínio da leitura, da escrita e do cálculo, vindo, por isso, diminuída a sua capacidade de participação na vida social"* (Benavente *et al.*, 1996:4).

A constatação de novas realidades conduz ao aparecimento de novos conceitos, sendo importante neste contexto destacar o de literacia. A tónica passa então a ser colocada no *continuum* de competências reveladas por cada um dos sujeitos mediante as exigências sociais, profissionais e pessoais com que se deparam na sua vida quotidiana (cf. Benavente *et al.*, 1996).

O conceito de alfabetização, ao enfatizar o acto de ensinar e de aprender, conduzia a *"uma visão dicotómica da população, dividida entre os que sabem ler e escrever (alfabetizados) e os que não sabem ler e escrever (analfabetos)"* (Canário, 1999:52). De outro modo, a literacia, que se traduz num processo de uso efectivo de competências, não pode ser avaliada sob a dicotomia do ter ou não ter, mas sim *"numa perspectiva gradativa em que o contexto/tarefa da situação (...) desempenha papel preponderante"* (Sim-Sim, 1989:63).

Excelência, qualidade, competitividade, produtividade, flexibilidade e adaptabilidade são conceitos que porventura não terão sido estranhos à formulação do pedido que foi dirigido à Unidade de Educação de Adultos pela referida multinacional. No entanto, é bom (re)lembrar que, como afirmou Inês Sim-Sim (1989:65), *"a escola pode (...) não estar a favorecer as competências, práticas e hábitos de leitura exigidos no quotidiano profissional e social do cidadão, [e] portanto a comprometer o seu nível de literacia"*. Nesse sentido, é de realçar a importância deste projecto que, para além de pretender conhecer com rigor as competências literárias dos trabalhadores, prevê a apresentação de propostas educativas e/ou formativas que promovam a elevação dos níveis de literacia dessas mesmas pessoas.

### 3. Metodologia

Assente numa abordagem qualitativa, esta pesquisa procurou cruzar dados de natureza quantitativa e qualitativa. Os primeiros foram obtidos através da distribuição de um questionário e de um teste de literacia a uma amostra estratificada de tipo proporcional, a partir de um sorteio aleatório com reposição, que incluiu 360 indivíduos, cerca de 18% da população da empresa. Relativamente ao questionário, a sua construção procurava a identificação e a caracterização das práticas e atitudes de leitura e de escrita dos trabalhadores da Fábrica, tendo-se baseado num quadro de referência assente em duas modalidades, a leitura e a escrita, em dois contextos, o profissional e o extra-profissional, e em três grandes dimensões de análise, as práticas, as atitudes e os juízos de valor dos indivíduos relativamente aos temas em estudo. Quanto ao teste de literacia, este incluía um texto de natureza informativa, no qual eram abordados os problemas resultantes da utilização de garrafas de plástico na linha de produção da Fábrica. O segundo texto, da autoria de Alves Redol, abordava o poder da leitura e da escrita e evidenciava um cariz compreensivo. Estruturalmente distinto do questionário I, o teste permitia recolher dados sobre a prestação literária dos inquiridos, levando a uma avaliação qualitativa e quantitativa.

Para além do questionário e do teste de literacia, outras técnicas de recolha de dados foram utilizadas, com os objectivos de conhecer e analisar as políticas de formação da Fábrica e a importância atribuída à literacia nas acções formativas implementadas. Assim, recorreu-se à análise documental (de textos sobre a história da Fábrica, planos e manuais de formação, etc.), à entrevista semi-estruturada a formadores e formandos e à observação de sessões de formação. O processo de recolha de dados foi ainda complementado com o desenvolvimento de uma oficina de formação, tendo como método de trabalho uma adaptação do círculo de estudo. Depois de constituído um grupo composto por trabalhadores e pelos investigadores envolvidos nesta pesquisa, nesta oficina procurou-se discutir as problemáticas da literacia e da educação/formação em contexto de trabalho e desenhar projectos educativos/formativos que contemplassem a criação e a dinamização de contextos de literacia e o desenvolvimento de iniciativas que promovessem as competências literárias dos trabalhadores.

#### 4. Dados obtidos até ao momento

Os dados obtidos até ao momento mostraram que a população da Fábrica era sobretudo composta por mulheres (69%), que cerca de metade dos inquiridos tinha idades compreendidas entre os 31 e os 40 anos e que 68% apresentavam níveis de escolaridade até ao 9º ano. Quanto às suas práticas de leitura e de escrita, fora da Fábrica os respondentes liam algumas vezes, privilegiando os jornais, as revistas e, em alguns casos, os livros técnicos. No caso da escrita, escreviam poucas vezes, redigindo sobretudo textos curtos (recados, notas, cartas, etc.). No posto de trabalho, os respondentes também liam instruções de trabalho, manuais, comunicações de carácter interno, etc. e escreviam poucas vezes, tendo sido referidos com maior frequência os registos de ocorrências, os relatórios e os gráficos (cf. Unidade de Educação de Adultos, 2003: 18-68).

No teste de literacia mais de metade dos inquiridos obteve uma prestação satisfatória e, por regra, quanto mais escolarizados eram os sujeitos, melhor era o seu desempenho. Os respondentes revelaram também melhores resultados nas questões relativas ao texto informativo e piores resultados no texto de natureza compreensiva.

Se os dados obtidos pela aplicação do questionário e do teste de literacia não trouxeram surpresas de maior, apesar de genericamente serem mais favoráveis que os dados recolhidos noutras investigações em Portugal (por exemplo, Benavente *et al.*, 1996 e Freitas, Casanova & Alves, 1997, entre outros), a análise da formação organizada pela Fábrica em 2002 e 2003 também revelou uma aposta, já tradicional no contexto empresarial, na transmissão e na reprodução de conhecimentos e procedimentos de carácter profissional, centrando-se em particular em conteúdos de natureza técnica. Assim, os aspectos mais significativos desta formação evidenciavam: um estreitamento nos conteúdos abordados, sendo privilegiados os temas técnicos, como a informática, a gestão industrial e a qualidade, entre outros; a média (entre 19 e 48 horas) e curta (entre 2 e 18 horas) duração da maioria das acções levadas a efeito; a organização de uma significativa variedade de iniciativas para um número restrito de trabalhadores, uma vez que as acções mais orientadas para aqueles que desenvolviam funções de execução (86% dos trabalhadores) eram pouco diversificadas e em número mais reduzido; e a predominância de abordagens pedagógicas de transmissão e memorização de conhecimentos e procedimentos técnicos na generalidade das iniciativas implementadas. Assim sendo, a aposta na formação com estas características parecia não favorecer a promoção de um contexto de literacia nesta empresa.

#### 5. Algumas considerações ainda que provisórias

Embora a investigação ainda não esteja concluída, os dados recolhidos permitem-nos adiantar que as práticas e as atitudes de leitura e de escrita dos trabalhadores da Fábrica não se distinguem muito das práticas e atitudes de leitura e escrita da população portuguesa em geral (veja-se, a título de exemplo, o trabalho de Freitas, Casanova & Alves, 1997). Também não foram muito diferentes os resultados do teste de literacia. De resto, estas diferenças, que beneficiam sobretudo a empresa em estudo, podem ser melhor compreendidas se tivermos em conta que os níveis de escolaridade dos seus trabalhadores eram mais elevados que os níveis apresentados pelos portugueses, por exemplo, no Estudo Nacional de Literacia (cf. Benavente *et al.*, 1996).

Por outro lado, a formação organizada pela Fábrica não se distinguiu da formação profissional implementada por outras instituições, sobretudo aquelas que desenvolviam as suas acções com o apoio financeiro dos programas da União Europeia.

Porém, não deixa de se constituir num paradoxo, evidente não só nas políticas públicas de formação em Portugal, como nas políticas implementadas por muitas instituições, o facto de aqueles trabalhadores que mais precisavam de educação/formação, que tinham níveis mais baixos de escolaridade e que tinham obtido piores resultados no teste de literacia, serem aqueles a quem eram destinadas acções menos variadas, em menor número, de duração mais curta e de conteúdos marcadamente técnicos, iniciativas estas que revelavam abordagens pedagógicas mais centradas na transmissão e reprodução de conhecimentos e procedimentos. Paradoxal era

também o facto de a empresa em estudo não se constituir num espaço de promoção da literacia e em diversas circunstâncias desvalorizar a língua portuguesa relativamente a outras.

Foi tendo em conta estas considerações que, na oficina de formação, foram desenhados projectos educativos/formativos que incluíram acções diversificadas e de diferente duração, assim como conteúdos e abordagens pedagógicas variadas. Estas propostas tiveram em vista a criação e a dinamização de contextos de literacia na empresa, tal como a promoção de iniciativas que favorecessem a elevação dos níveis de literacia dos seus trabalhadores. Caberá então a esta Fábrica, como ao Estado e a muitas outras instituições em Portugal, a opção entre o caminho da procura da excelência, da qualidade, da competitividade, da produtividade, da flexibilidade e da adaptabilidade, através da manutenção de um cenário de iliteracia sobejamente conhecido e, aparentemente, indesejado e percursos que levem à formação de trabalhadores educados e formados para a cidadania, a autonomia e a participação social e profissional activa

## 6. Referências bibliográficas

- BENAVENTE, A. (coord.); Rosa, A.; Costa, A. F. & Ávila, P. (1996). *A Literacia em Portugal – Resultados de uma Pesquisa Extensiva e Monográfica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- CANÁRIO, R. (1999). *Educação de Adultos – Um Campo e Uma Problemática*. Lisboa: Educa.
- FREITAS, E.; CASANOVA, J. L. & ALVES, N. A. (1997). *Hábitos de Leitura. Um Inquérito à População Portuguesa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- SIM-SIM, I. (1989). “Literacia e Alfabetização: Dois Conceitos Não Coincidentes”. In *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, 2. Lisboa: Associação das Universidades de Língua Portuguesa, pp. 62-66.
- Unidade de Educação de Adultos* (2003). Relatório de Progresso do Projecto de Investigação *Literacia(s) em Contexto de Trabalho. Investigação e Educação/Formação*. Braga: Unidade de Educação de Adultos da Universidade do Minho (documento policopiado).